

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

A INTEGRAÇÃO DAS TICs “AO QUE FAZER” DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: (re) pensando suas práticas

Tainara da Silva Costa¹

Fausta Porto Couto²

Silvano Messias dos Santos³

RESUMO:

As novas tecnologias trazem novas possibilidades e novos desafios ao trabalho do coordenador pedagógico. Nessa direção, este artigo discute a atuação desse profissional face às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), sob a ótica de uma pesquisa realizada com coordenadores de escolas públicas localizadas em Bom Jesus da Lapa – BA. Para tanto, este trabalho está estruturado em três eixos: o primeiro pontua diferentes concepções sobre o coordenador pedagógico em diferentes épocas; o segundo foca as atribuições legais para a coordenação pedagógica, fazendo um elo entre o proposto e o vivido pelas escolas pesquisadas; e o terceiro evidencia as concepções dos interlocutores dessa pesquisa acerca dos novos desafios e das novas possibilidades que as tecnologias trazem para o trabalho do coordenador pedagógico no contexto educativo atual.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenador Pedagógico. Era Digital. Desafios.

ABSTRACT:

New technologies bring new possibilities and new challenges to the work of the pedagogical coordinator. In this sense, this article discusses the role that professional face to Information Technologies and Communications (TIC), the perspective of a survey of coordinators of public schools located in Bom Jesus da Lapa - Bahia. Therefore, this work is structured around three axes: the first score different conceptions of the pedagogical coordinator at different times, the second focuses on the legal responsibilities for coordinating education, making a link between the proposed and experienced by the schools surveyed, and the third shows the conceptions of this partners research on new challenges and new possibilities that technologies bring to the work of the pedagogical coordinator in the current educational context.

KEY WORDS: Pedagogical Coordinator, Digital Age, Challenges.

¹ Graduanda de Pedagogia com Habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – BA. E-mail: tainara_lapense@hotmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Coordenadora Pedagógica da SEC - BA. Atua nos seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores - GEPForP – UNEB; Transarte - Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional em Brasília – UNB. E-mail: faustaec@gmail.com

³ Graduando de Pedagogia com Habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – BA. E-mail: silvano_uneb2009@yahoo.com.br

PARA COMEÇO DE CONVERSA: palavras iniciais

Este trabalho nasceu das experiências relacionadas à disciplina Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, no 7º semestre do Curso de Pedagogia com Habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII - Bom Jesus da Lapa - BA. Objetiva-se, neste trabalho, (re) pensar ‘o que fazer’ do coordenador pedagógico em um contexto que demanda a integração das TIC ao trabalho pedagógico. Portanto, abordaremos aqui as novas possibilidades para o trabalho do coordenador pedagógico diante das novas tecnologias, focando a sua relação com a formação docente, com o planejamento, com a orientação/acompanhamento a professores, estudantes e pais no processo que envolve o ensinar e o aprender. Pretende-se, assim, (re) pensar ‘o que é/quem é’ o coordenador pedagógico hoje, em tempos digitais, analisando suas funções/atribuições no contexto escolar do século XXI. Para tanto, este trabalho apoia-se em autores como Silva Júnior (2008), Sarmento (2000), Christov (2006), Kenski (2006), Mancebo (2009), Sampaio e Leite (2008), Moran (2000), dentre outros.

Este diálogo está dividido em três momentos. No primeiro momento, analisamos o perfil/papel do coordenador em diferentes momentos históricos, fazendo relações com o perfil/papel desse profissional na atualidade. No segundo, falamos sobre o ‘pensado e o vivido’ pelos coordenadores pedagógicos em algumas escolas públicas de Bom Jesus da Lapa – BA, sob a ótica de suas atribuições legais e seus fazeres. No terceiro momento, refletimos sobre o coordenador pedagógico e o sentido das TICs (KENSKY, 2007) como recurso pedagógico, bem como a sua articulação no trabalho que realiza, apontando os desafios/entraves e as novas possibilidades para o trabalho do coordenador diante das novas tecnologias do século XXI.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO A SERVIÇO DA FORMAÇÃO TECNOLÓGICA DO PROFESSOR: tecendo considerações

O que compreendemos por coordenação pedagógica? Falar sobre a coordenação pedagógica requer (re) pensar a sua história. Isso porque, em outros tempos, a coordenação pedagógica era entendida sob outras óticas, visto que trata-se de um termo que nasce do militarismo em busca do controle da nação. Portanto, inicialmente, o trabalho do supervisor era vigiar e punir, como afirma Silva Júnior (2008):

em seu início a supervisão escolar foi praticada no Brasil em condições que produziam o ofuscamento e não a elaboração da vontade do supervisor. E esse era, exatamente, o objetivo pretendido com a supervisão que se

introduzia. Para uma sociedade controlada, uma educação controlada; para uma educação controlada, um supervisor controlador e também controlado. (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 93)

É importante assinalar que essas ideias e crenças sobre a figura do coordenador escolar, embora ultrapassadas, ainda são fortemente alimentadas. Desconstruí-las por certo exigirá não só diálogo, mas, sobretudo, construir outro itinerário de atuação no âmbito escolar. No contexto ora vivido, contrariamente, o coordenador hoje precisa atuar de forma interativa/colaborativa e ser entendido como um colaborador do professor docente, ou seja, um apoio para a organização pedagógica na escola. Assim, Silva Júnior (2008) ressalta que,

o supervisor/educador foi se dando conta de que a verdade não estava pronta e depositada em suas mãos para que ela a distribuísse aos professores que só poderiam conhecê-la por seu intermédio; o supervisor/educador foi descobrindo, tal como Guimarães Rosa, que “mestre não é quem ensina, mas quem, de repente, aprende”; o supervisor/educador foi percebendo, enfim, que sua tarefa não era transmitir uma mensagem pronta e acabada, mas reunir os educadores para que eles pudessem elaborar sua própria mensagem e com ela tentar mudar para melhorar a vida de todas as pessoas a quem a mensagem pudesse ser apresentada. (SILVA JUNIOR, 2008, p. 94)

Em algumas instituições escolares, o supervisor existe não com função pedagógica, como a do coordenador, mas sim mais próximo dos protocolos técnicos. Supervisionar também é tarefa que integra o pedagógico, mas não necessariamente fará a mediação pedagógica cotidiana que o coordenador faz. São lugares e papéis diferentes, que se convergem (ou deveriam) numa atitude dialógica. Mas, quanto ao papel, as especificidades os separam: enquanto um vive o cotidiano escolar, o outro foca ações mais específicas do coletivo. Nesse contexto, resta-nos indagar: qual é mesmo a função do coordenador pedagógico nos dias atuais? Para responder a este questionamento, retomamos ao pensamento de Guerreiro (2011, p. 24): *o coordenador é hoje – ou poderia ser – o elo a unir o projeto pedagógico da escola, conteúdo programático e as pessoas envolvidas no projeto – professores, gestores, pais e alunos*. Assim, é cabível sublinhar que o coordenador pedagógico desenvolve sua função com um repertório singular de conhecimentos, formado pela pluralidade de saberes produzidos e de conhecimentos que somente o exercício, a vivência cotidiana teoricamente fundamentado da profissão lhe permitirá construir.

A educação, não importa o grau que se dá, é sempre uma teoria do conhecimento que se põe em prática. (...) O coordenador é um educador e, se ele é um educador, ele não escapa na sua prática a esta natureza epistemológica da educação. Tem a ver com o conhecimento, com a teoria do conhecimento. (FREIRE 1982, p. 85)

É preciso ressaltar que a função principal do coordenador pedagógico está associada ao processo de formação em serviço dos professores e esta ação é designada como educação continuada. Nesse sentido, para Christov (2006), é tarefa essencial do coordenador mobilizar a formação continuada não só de professores, mas estudantes, pais, funcionários, enfim, por ser um profissional que pensa não só o pedagógico em sala de aula, mas o movimento que o mesmo ocasiona na escola, o coordenador é também aquele que media conflitos, interage e busca aliados para articular as ações do Projeto Político Pedagógico (PPP).

No entanto, é válido destacar que os processos de formação continuada e em serviço desenvolvidos por coordenadores é uma atividade recentemente dilatada no contexto escolar, uma vez que o papel deste profissional era de controlar, ou seja, dominar. Neste sentido, uma das coordenadoras entrevistadas assegura que:

pode-se afirmar que os momentos de formação continuada são desenvolvidos não somente pelas duas coordenadoras pedagógicas da escola, mas também pela direção da mesma, uma vez que buscamos sempre planejar juntas as temáticas estudadas, as dinâmicas a serem desenvolvidas, mensagens, entre outras coisas. (LÍLIA, coordenadora entrevistada)

Sobre como avalia os trabalhos desenvolvidos pela coordenação pedagógica na escola em que trabalha, a coordenadora (Lília) respondeu: *avalio de maneira satisfatória, uma vez que os professores são abertos a inovações, e não esperam apenas do coordenador, pois estão sempre trazendo sugestões, mas não posso negar que ainda há muito que se fazer.* Como se vê, as ideias e construções sobre o trabalho do coordenador para esta coordenadora parecem estar fomentando junto aos professores postura de atitudes rompendo com barreiras e abrindo outras possibilidades de diálogo a partir de sugestões. Trocar, trazer algo para partilhar e ir a busca de algo quando a ação de didática exige, permite, talvez, falar em professores também motivados em relações interpessoais construtivas.

Para a professora Patrícia, *o tempo de planejamento é curto, pois só acontece em três horas e o grupo de estudos apenas uma vez no mês.* E aqui aparece mais uma pista das construções da coordenação: o grupo de estudos. Sem dúvida essa conquista é muito importante em um trabalho de formação junto aos docentes. Estabelecer diálogos a partir dos aspectos práticos e teóricos das práticas educativas impõe desafios de pesquisa e estudo ao coordenador. Como mobilizador do grupo de estudos, alimentar de boas construções e remeter todos a colaborar, é sem dúvida uma conquista. Em meio à entrevista, quando questionada sobre as maiores conquistas da sua atuação, assim se posiciona a coordenadora:

A maior conquista da minha atuação foi o atendimento às expectativas dos alunos, que se resume em aulas mais interessantes com o uso de computadores, dinâmicas e aulas práticas de Educação Física, como se pode notar nos painéis de desempenho em quase todas as salas de aula. E esse atendimento pode ser listado da seguinte maneira:

- Aulas informatizadas, uma vez que na escola possuía um laboratório de informática, mas não era acessível aos alunos pelo fato da maioria dos professores não terem habilidades com computadores.
- Aulas práticas de Educação Física, pois essas aulas só aconteciam teoricamente.
- Uso dos materiais diversos presentes na escola, pois a aqui possuímos uma gama de recursos que mesmo sendo do conhecimento das professoras não eram utilizados nas aulas. Hoje utilizamos, dos mais simples ao mais complexo, como por exemplo, o data-show nas aulas, visto que o mesmo só era utilizado nos momentos de formação e reuniões.

Todos esses fatos causaram um diferencial em nossas práticas, as aulas se tornaram mais interessantes e as reclamações deixadas pelos alunos nas caixinhas de sugestões diminuíram expressivamente. (LÍLIA, coordenadora entrevistada)

Por meio desta fala, mais pistas sobre ideias e construções do trabalho do coordenador pedagógico. Adentrar o espaço do laboratório de informática e começar a articular as Tecnologias de Informação e Comunicação ao aprendizado dos estudantes, implica em pensar e até nos indagar como foi o processo de mediação, o que evidencia resultados do grupo de estudos planejados pela escola. Além disso, há ainda outra pista na fala da coordenadora: a de que ela procura estabelecer diálogos com os estudantes a partir de instrumento específico: a caixinha de sugestões. Como se percebe, essa ação transita pelo diálogo, pela escuta dos anseios e necessidades, objetivando diminuir o nível de conflitos não pelo poder hierárquico, mas pelo respeito ao direito de cada um: ao professor, o de estar em um processo de formação continuada na escola; ao estudante, por poder participar da transformação do espaço escolar pela expressão de suas ideias, sem ser reprimido.

Nesse contexto, voltamos a questionar: qual a função do coordenador pedagógico, em se tratando da formação continuada do professor em meio aos desafios das novas tecnologias? Diante da metamorfose global, na qual a vida social hodierna encontra-se estruturada, é preciso perceber a apropriação das TICs e de comunicação como elementos catalisadores de mudanças pedagógicas (Araújo, 2008; Barreto et al., 2006; Peixoto, 2007). Assim, é de suma importância que coordenadores pedagógicos, professores e estudantes busquem conhecer, interpretar, utilizar, e saibam refletir e apropriar-se criticamente da tecnologia.

Neste sentido, quais são os pontos negativos e positivos da tecnologia no ambiente escolar? Mediante as entrevistas realizadas, bem como as observações participantes, no lócus da pesquisa, pudemos perceber que a inserção da tecnologia ou dos aparatos tecnológicos no

ambiente escolar traz consigo aspectos positivos e negativos.

Para evidenciar esta primeira gama de aspectos, podemos partir do fato de que a escola, enquanto ambiente intencional na aquisição dos atributos necessários à inclusão dos estudantes na sociedade, com a inserção da tecnologia no ambiente escolar, estará promovendo a tão propalada inclusão digital, isto é, articulando um conhecimento, ainda que incipiente, que são as tecnologias ou aparatos tecnológicos acerca de realidades já inerentes à vida social recente. Podemos somar ainda, em se tratando das TICs (KENSKI, 2007), que o processo ensino-aprendizagem se desenvolve a partir do exercício da capacidade comunicativa, bem como da transmissão, expressão e do intercâmbio da informação, podendo as mesmas constituir-se em forte aliadas do processo educativo.

Ademais, podemos constatar também que as tecnologias tornam-se inúteis quando desprovidas de um devido processo de apropriação qualificado para o seu manuseio. Assim, as tecnologias podem se tornar negativas quando a sua inserção se dá sem a formação dos profissionais da educação. A esse respeito, Sarmiento (2004, p. 63) expõe que,

está cada vez mais claro que a humanidade não pode limitar-se a aceitar os avanços positivos que as novas tecnologias proporcionam e tratar suas consequências negativas como inevitáveis. Ela precisa estar atenta, prever acontecimentos e ser conscientemente ativa. Mais que informação e conhecimento, o que precisamos é aumentar a nossa capacidade pessoal de entender as coisas, de aprender a descobrir, de adaptar e inventar sob uma perspectiva crítica. (SARMENTO, 2004, p. 64)

Assim, o coordenador pedagógico, além de orientar a seleção e estimular a produção de materiais didático-pedagógicos pelos professores, bem como promover ações para ampliar esse acervo, também incentiva e orienta os docentes na utilização intensiva e adequada dos materiais didáticos e de recursos tecnológicos disponíveis, tais como TV Escola, Internet, etc. Por fim, ao coordenador pedagógico compete também avaliar a eficácia da utilização destes instrumentos tecnológicos e contribuir para que estes desempenhem com eficiência ao fim a que se destinam, agindo assim sempre em vista da excelência do processo ensino-aprendizagem.

Nessa direção, implica dizer que a construção de uma consciência coletiva sobre o conhecimento e sobre o fazer cotidiano do professor e do coordenador significa compreender e se movimentar, conforme Silva (2006), em uma comunicação/interação que mobilize novas informações, conhecimentos e saberes. Esse movimento permite a emergência de novas ideias e crenças sobre o papel do coordenador.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO ESCOLAR: atribuições legais, realidades vividas

Na sociedade, transformações de ordem política, econômica e social ocorrem continuamente, interferindo inevitavelmente nas práticas de ensino das escolas, que passam a enfrentar muitos desafios. Deste modo, os profissionais que nela atuam precisam se atualizar, estando, pois, em constante formação, para que, assim, possam promover o desenvolvimento dos sujeitos com os quais se relaciona dentre eles os alunos, a razão se ser da escola. Para isso, é de suma necessidade a presença do coordenador pedagógico no ambiente escolar, pois trata-se de um profissional importante na organização pedagógica da escola, de modo a vitalizar as ações educativas, transformando reflexivamente a ação individual e coletiva dos atores escolares. Neste sentido, uma das professoras entrevistadas enfatiza a importância do coordenador pedagógico em sua escola ao dizer que: *foi de grande valia para ajudar a escola a ter mais organização, planejamento, estimulando um convívio de todos os componentes que fazem parte da instituição escolar.*

Desta maneira, o papel do coordenador se faz por meio de um trabalho contínuo de estruturar e organizar a ação didática dos professores sobre diversas dificuldades que encontram no desenvolver de seu trabalho, a fim de promover um ensino-aprendizagem de qualidade. Alarcão (2004, p. 35) se refere a este profissional como aquele que influencia na construção de ideias de um grupo de pessoas, definindo como objeto de seu trabalho “o desenvolvimento qualitativo da organização escolar e dos que nela realizam seu trabalho de estudar, ensinar ou apoiar a função educativa por meio de aprendizagens individuais e coletivas”. A autora ainda nos fala de novos professores para novos alunos. Uma escola que interage com as mudanças e inaugura um novo diálogo com as transformações que a sociedade da aprendizagem tem suscitado.

De acordo com a Lei Estadual nº 8.261(2002), que determina vinte atribuições ao coordenador pedagógico, institui, no artigo 8º, que compete a esse profissional, entre outras coisas, coordenar, planejar, pesquisar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, controlar, acompanhar, orientar, executar e avaliar trabalhos, programas, planos e projetos, prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes e pareceres técnicos, científicos e pedagógicos, na área educacional.

Percebe-se, portanto, que em todas as atribuições do coordenador, o caráter pedagógico está sempre presente, seja no trabalho realizado com professores ou equipe gestora, seja nas atividades pedagógicas realizadas na escola, as quais devem ter sempre em vista a garantia das aprendizagens dos alunos, buscando "parcerias e solidariedade entre os profissionais, no caminho de reflexões que gerem soluções mais aprofundadas e criativas

quanto aos obstáculos e problemas emergentes no caminho do cotidiano" (PLACCO, 2003, p.52). Neste sentido, segundo uma coordenadora entrevistada:

Acho que coordenar está além de planejamento e organização, procuro sempre escutar a todos que fazem parte da escola, pois vejo que isso é muito importante tanto para o meu trabalho quanto para os outros profissionais que fazem parte da escola, respeito sempre a opinião de todos e busco as tomadas de decisões no coletivo porque isso nos dá também uma troca de aprendizagem onde todos saem ganhando, principalmente os alunos.

Assim, desempenha um papel de assistência ao trabalho docente auxiliando a uma reflexão crítica de sua atuação, bem como propicia um trabalho que favorece a articulação com a direção escolar estabelecendo relações de confiança. No entanto, é importante ressaltar que o coordenador pedagógico muitas vezes exerce funções que não são de sua responsabilidade, sendo em algumas situações considerado uma espécie de “salvador” capaz de resolver todos os problemas que ocorrem no âmbito escolar, visto também como detentor do conhecimento, levando-o a conjuntura de dificuldade ao exercer seu trabalho.

Como dito anteriormente, a partir de vivências de coordenadores pedagógicos, foi analisado, por meio de pesquisa de campo em escolas da rede municipal e estadual de Bom Jesus da Lapa, se as atribuições legais do coordenador são condizentes com a realidade escolar, o que nos fez perceber, através das falas dos sujeitos pesquisados, a falta de identidade profissional por conta da desorientação nas atribuições que ele deve atuar na escola. A essa situação, as coordenadoras entrevistadas retratam que:

Muitas vezes tenho que fazer praticamente tudo na escola, já cheguei a ajudar no preparo da merenda escolar devido à falta do profissional responsável para esse trabalho e como sou a coordenadora para não atrapalhar o andamento do trabalho dos professores e da direção faço qualquer tipo de tarefa, mas já estou acostumada, são tantos problemas que temos que esquecer a real função de um coordenador para que a escola caminhe.

Sei que não faço quase nada do que a Lei exige, confesso que não ligo muito para isso, estou mais interessada em trazer melhorias para a escola fazendo de tudo que for possível para isso acontecer, mas confesso que muitas vezes sinto um peso grande por agir desse jeito, fico muito estressada e preocupada ocasionando um mal estar. Eu sei que tenho culpa por pensar assim e por deixar que tudo se acumula para mim que sou coordenadora fazer.

Ao tempo em que encontramos um coordenador motivado por hoje já conseguir mobilizar o laboratório de informática e as queixas dos estudantes diminuírem, temos no depoimento acima algo preocupante: o funcionário apaga incêndio, aquele, que parece não ter nada de muito importante para fazer, ou que seu trabalho pode esperar sempre. Seja para cobrir o professor que faltou, a ausência de recursos humanos no setor de demanda, seja para organizar e pensar tudo de uma festa ou projeto. Então, como manter uma equipe motivada,

quando a própria identidade profissional do coordenador pedagógico está sendo tecida, representada, no coletivo, como aquele que tudo faz?

Diante desse cenário de indefinições e múltiplas ações a serem desenvolvidas pelo coordenador pedagógico, Geglio (2005, p.115) afirma que “enquanto o professor, o diretor e os demais funcionários da escola possuem atividades específicas, o coordenador pedagógico se vê efetuando múltiplas tarefas que, objetivamente não lhe dizem respeito”.

Como podemos perceber, entende-se que existe uma diferença entre as atribuições legais acerca do coordenador pedagógico e sua realidade, porém, embora essas vivências muitas vezes se distanciem do que a lei propõe, a sua contribuição é evidente na melhoria da prática docente, na construção/vivência do projeto pedagógico da escola e, conseqüentemente, na qualidade de ensino.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO FACE AS NOVAS TECNOLOGIAS: (re) pensando suas práticas

Muito se tem falado nos últimos anos sobre o papel do coordenador pedagógico na instituição escolar. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma discussão antiga e atual. Mas, afinal, por que o coordenador pedagógico é necessário hoje, na sociedade digital? Segundo Vieira (2002), o coordenador pedagógico desempenha tarefas múltiplas em seu cotidiano escolar, assumindo, pois, atividades burocráticas, atendimento a alunos e pais, cuidado e planejamento de todo o processo educativo da escola (em parceria com os outros educadores), bem como estar atento para a formação em serviço dos professores com os quais trabalha, para que, assim, garanta um processo de ensino-aprendizagem saudável.

Percebe-se que o papel do coordenador pedagógico é bastante complexo, pois, para além de resolver problemas de emergência e explicar dificuldades de relacionamento ou aprendizagem dos alunos, tem o papel de ajudar na formação dos professores. Mas aí questionamos: como pensar o coordenador pedagógico hoje, em pleno século XXI, no contexto das chamadas novas tecnologias da informação e comunicação?

Para Orsolon (2000), o coordenador pedagógico é apenas um dos atores que compõem o coletivo da escola e, portanto, o seu trabalho não se dá isoladamente. Em outras palavras, é preciso considerar que a escola é um corpo formado por partes. Como sabemos, um corpo é formado por órgãos (coração, cérebro, pulmões, etc.) e é o trabalho conjunto desses órgãos que vai garantir o bem-estar/funcionamento do corpo, pois se um órgão estiver com problemas, o corpo todo sofrerá conseqüências.

A mesma coisa acontece com a escola. Assim como o corpo, a escola também é

formada por partes (direção, professores, coordenadores, técnico administrativos, alunos, pais, merendeira, faxineira, porteiro, etc.) e é o trabalho conjunto desses segmentos que vai garantir a qualidade do trabalho escolar. Dessa forma, se um membro for desconsiderado e/ou tiver algum problema, a escola como um todo sofrerá as consequências, pois cada segmento, com suas responsabilidades que se relacionam, depende do outro para realizar um trabalho completo e de qualidade.

A essa altura da discussão é preciso considerar uma coisa: a sociedade é viva e, portanto, muda com o tempo, assim como a escola que, enquanto parte da sociedade, também precisa mudar a forma como organiza o seu trabalho pedagógico. À luz dessas possibilidades, o “ser professor”, o “ser aluno”, o “ser gestor” e, como não poderia deixar de ser, o “ser coordenador pedagógico” sofreram mudanças nos últimos tempos. É preciso compreender que a escola de hoje não é a mesma escola de ontem e com certeza não será a mesma de amanhã, pois as mudanças que ocorrem na sociedade – como já dito, de ordem econômica, política, social, ideológica – colocam a escola diante de novos desafios, desafios estes que lhe exigem novas ações em função das novas cobranças que surgem a cada momento.

Nesta perspectiva, faz-nos oportuno assinalar, por exemplo, que nos últimos anos um dos desafios das escolas se refere à sua articulação com as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação. Por causa disso, muito se tem falado sobre os impactos das novas tecnologias na sociedade e na escola. Nas palavras de Lévy (1999)

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. [...] Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. [...] a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas desta forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, p. 12, 1999).

Em sintonia com a concepção de Vieira (2002) e Almeida (2003), o trabalho do coordenador pedagógico é fundamentalmente um trabalho de formação continuada em serviço. Deste modo, o seu papel/atribuições dentro da escola é, segundo Clementi (2003), o de acompanhar o projeto político pedagógico da escola, formar professores, partilhar suas ações e, entre outras coisas, acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, refletindo e intervindo no ambiente escolar juntamente com os demais atores da instituição, de modo a garantir o pleno exercício de todos à educação.

A esse respeito, figura a fala de algumas coordenadoras pedagógicas acerca da concepção que tem sobre *quem é e qual a função* do coordenador pedagógico na atualidade:

Bem... Sabe o que eu acho? Eu acho que os próprios coordenadores não sabem qual é o seu papel. A gente vê sempre o coordenador fazendo de tudo. Muitos esquecem que a sua função é também se preocupar com a sua formação e com a formação do colega professor. Mas isso tem perdido de vista, pelo menos nas escolas onde já trabalhei. Tenho visto o coordenador, é, imprimindo provas para o professor, fazendo coisinhas assim, sabe? Muitos, aliás, nem sabe mesmo qual é a função do coordenador e optam por essa função para escapar da sala de aula. Mas é uma tarefa árdua ser coordenador. Lidar com professores é pior que lidar com alunos. Nossa! É penoso! (MARISA, coordenadora)

É meu primeiro ano como coordenadora pedagógica. Estou gostando. Na verdade, é um trabalho de acompanhar o trabalho do professor para dar suporte [...] (ZENAIDE, coordenadora pedagógica)

Ai, gente, falar do coordenado é tão complexo. Acho que não tem uma resposta pronta. Eu vejo o coordenador pedagógico hoje como sendo um grande desafio. Dá insegurança, medo, incerteza... A gente precisa ser articulador, flexível... [...] Já sobre as tecnologias, eu não domino muito não, mas a gente já fez na escola encontro entre os professores e usei slides, vídeos, músicas, mensagens como forma da gente discutir assuntos da escola. Nós temos o laboratório, mas nem sempre é usado. E os professores, em sua maioria, não domina muito a máquina, não. Aí fica difícil trabalhar com os alunos, né? Eu vejo desinteresse dos professores também em aprender. É complicado. [...] mas é uma necessidade. (MARGARIDA, coordenadora pedagógica)

Como se percebe nas falas dos coordenadores pedagógicos, é complexo e contraditório o terreno em que atua o coordenador. Desconhecimento, motivação, realização, espaços de aprendizagem subutilizados. Isso é cotidiano e preocupante. Muitas vezes o próprio coordenador também não tem a formação no sentido de se apropriar das ferramentas tecnológicas e não se disponibiliza e/ou observando isso como um desafio cotidiano, como situação em que vai ter que buscar outras pessoas para aprender e aprender a mediar.

Portanto, ao pensar o papel do coordenador pedagógico frente às novas tecnologias, faz-nos cabíveis as palavras de Mendelsohn (1997) *apud* Perrenoud (2000):

Se não se ligar, a escola se desqualificará. A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as novas tecnologias da informação e da comunicação transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar. (PERRENOUD, 2000, p.125)

Neste sentido, uma diretora entrevistada se posiciona:

A escola precisa abraçar as tecnologias. Precisamos formar sujeitos que saibam usar conscientemente essas ferramentas. Mas acredito que antes de ensinarmos nossos alunos, nós professores precisamos nos familiarizar com essas tecnologias. A inclusão digital é uma necessidade. E a escola não ignorar o que acontece na sociedade. As tecnologias fazem parte da vida das pessoas, então, por que a escola não trazer esses recursos para a organização de seu trabalho? (CARMEM, diretora e ex-coordenadora)

E as contradições entre discurso e prática é, talvez, outro desafio. Tomar conhecimento da informação não é a mesma coisa que *saber sobre*. Muitas vezes o discurso reflete os textos das diretrizes curriculares da educação básica. Mas acreditamos que o esforço maior é articular o discurso às possibilidades de uma outra relação com o conhecimento: a interação e a construção coletiva (LEVY, 1999).

Como se vê, o papel do coordenador pedagógico é complexo e demanda competências. Portanto, na era digital, é preciso que o coordenador pedagógico, para que o seu trabalho não esteja desvinculado da realidade social, tenha familiaridade com as ferramentas digitais. Entretanto, como se sabe, relacionar escola e tecnologias ainda é uma tarefa árdua. Isso porque, embora as tecnologias tenham adentrado diferentes espaços sociais, o seu uso na escola ainda é um desafio para os educadores. Segundo Almeida (2003), isso se justifica pelo fato de a incorporação das TIC à prática pedagógica ainda ser um processo incipiente e, portanto, precário.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) foram inicialmente introduzidas na educação para informatizar as atividades administrativas visando a agilizar o controle e a gestão técnica [...]. Posteriormente, as TICs começaram a adentrar no ensino e na aprendizagem sem uma real integração às atividades de sala de aula, mas sim como uma atividade adicional [...] (ALMEIDA, 2003, p. 113)

De acordo com Alonso (1999), é preciso entender a escola como um local privilegiado para a mudança e para a formação. Neste sentido, as TIC podem ser entendidas como um dos recursos possíveis para a promoção de mudanças e formação. Nas palavras de Almeida (2003)

[...] as TICs podem ser incorporadas na escola como suporte para: comunicação entre os educadores, pais, especialistas, membros da comunidade e de outras organizações; desenvolvimento de um banco de dados gerado na escola que dê subsídios para a tomada de decisões; criação de um fluxo de informações e troca de experiências que realimente as práticas; realização de atividades colaborativas que visam a enfrentar os problemas da realidade; desenvolvimento de projetos relacionados com a gestão administrativa e pedagógica; representação do conhecimento em construção pelos alunos e respectiva aprendizagem etc. (ALMEIDA, 2003, p. 115)

Nesta perspectiva, a incorporação das TIC na escola e na prática pedagógica oportuniza a inovação, a construção de conhecimentos, a formação do professor em serviço. No que se refere ao trabalho do coordenador pedagógico, as tecnologias lhe abrem novas possibilidades, pois, segundo, Almeida (2003), o coordenador tem a oportunidade de rever-se e analisar as contribuições que as TIC podem lhe oferecer para desempenhar o papel de articulador entre as dimensões pedagógicas e administrativas da escola.

As tecnologias facilitam o trabalho do professor e de toda a escola. O trabalho pedagógico e técnico precisam dessas ferramentas. Na sala de aula, as tecnologias facilitam, e muito, o nosso trabalho, dinamizando as aulas. Gosto de trabalhar com vídeos, pesquisas, e agora vou fazer com minhas turmas um blog para que a gente possa socializar conhecimentos com outras turmas e com a comunidade. Essa é, inclusive, uma iniciativa da coordenadora, que teve a ideia de fazer um blog para a escola. Aí pensei: por que não fazer um blog só para a disciplina de Biologia? Os alunos gostaram da ideia. Eles, aliás, adoram tecnologias. Falar de tecnologias é com eles mesmo. (ERNESTO, professor de Biologia e ex-coordenador pedagógico)

[...] as tecnologias nos oferecem muitas possibilidades. Encurtam o tempo, o espaço, aproximam as pessoas e facilitam o nosso trabalho. Depende da forma como são usadas. E nem precisa ser um especialista para dominar as tecnologias. E é preciso ter humildade: se eu não sei uma coisa, pergunto para quem sabe, busco com quem entende. E os próprios alunos ensinam. Eles dominam muito mais o computador do que nós professores. Só que eles não têm essa noção pedagógica. Aí é que entra o trabalho professor. E acho que é também função do coordenador pensar sobre essas questões e auxiliar os professores. Não é uma das funções do coordenador ajudar na formação do professor? Pois é. Se ele tem essa função, que tente ajudar na formação tecnológica do professor [...] (ZENAIDE, coordenadora pedagógica)

A função e cargo de coordenador podem ser exercidos via concurso ou via eleição interna. Quando um professor licenciado em qualquer área assume uma coordenação pedagógica essa é uma forma de ter um coordenador pedagógico, que é docente, mas que passa a exercer essa função, embora o seu cargo seja de professor. Outra forma é o concurso específico para coordenador exigindo a pedagogia como formação básica. No segundo depoimento acima, vimos a postura de aprendiz e de um profissional que se coloca o tempo todo na interação para ir vencendo as limitações, o que ocasiona às vezes oportunidades de novas construções juntos aos estudantes sujeitos de saberes, mediadores de suas experiências na *Cibercultura*.

Portanto, como defendem Piletti (1998), Vieira (2002), Orsolon (2000) e Almeida (2003), o coordenador pedagógico é um profissional fundamental no espaço escolar, pois é o que pode ajudar na gestão escolar, na elaboração das propostas pedagógicas da escola, na orientação aos alunos, pais e professores. Contribui ainda na formação desses educadores, acompanhando-os em suas atividades de planejamento e fornecendo-lhes subsídios que lhes possibilitem atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício de sua profissão. Para tanto, faz-se necessário que o próprio coordenador pedagógico também se atualize. E abraçar as tecnologias, como afirma a professora/diretora e ex-coordenadora Carmem, pode ser o caminho.

A FINALIZAR: algumas considerações

Neste artigo discutimos sobre o coordenador pedagógico e o sentido das TICs como recurso pedagógico, apontando os novos desafios/entraves e as novas possibilidades para o trabalho deste profissional diante das novas tecnologias do século XXI. Assim, ficou evidente neste trabalho que, para além de somente qualificar a comunicação entre os docentes, as ferramentas tecnológicas possibilitam (re) pensar a prática pedagógica, podendo, pois, estar a serviço das aprendizagens.

À luz dessas possibilidades, algumas questões foram levantadas ao longo deste trabalho, como: as diferentes concepções sobre o coordenador pedagógico, as atribuições legais para a coordenação pedagógica e as realidades vivenciadas por alguns coordenadores de escolas públicas, o coordenador pedagógico no contexto das chamadas novas tecnologias, dentre outras. A partir das pesquisas bibliográficas e observação/entrevistas em escolas, chegamos à conclusão de que é fundamental e necessário (re) pensar ‘o que fazer’ do coordenador pedagógico nas escolas de hoje, inseridas em um contexto que demanda a integração das TIC ao trabalho pedagógico.

Nesse contexto, como pensar o coordenador pedagógico, a gestão escolar e o trabalho dos professores hoje, no contexto das novas tecnologias da informação e comunicação? Para essa pergunta, não podemos pensar em uma resposta única, certa, acabada. Trata-se de uma questão que precisa ser constantemente (re) pensada. E essa foi a finalidade deste artigo: não dar uma resposta pronta para a questão, mas suscitar reflexões acerca da integração das TICs “ao que fazer” do coordenador pedagógico, como possibilidade de (re) pensar suas práticas em meio às conquistas, contradições e desafios que ele cotidianamente vivencia.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. Do olhar supervisão ao olhar sobre supervisão. In: _____. **Supervisão pedagógica: princípios e práticas**. Campinas: 2004, p. 11-55.
- ALMEIDA, M. E. B. de. Tecnologias e gestão do conhecimento escolar. In: VIEIRA, A.; ALMEIDA, M.; ALONSO, M. **Gestão educacional e tecnologias**. SP: Avercamp, 2003.
- ALONSO, M. Formar professores para uma nova escola. In: QUELUZ, A. G. (Orientação), ALONSO, M. (Org). **O trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- BAHIA. Lei nº 8.261 de 29/05/2002. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio do Estado da Bahia. 2002.
- BELMONTE, L. T. Supervisão educacional e formação do professorado. In: RANGEL, Mary (Org). **Supervisão e gestão na escola: conceitos e práticas de mediação**. SP: Papyrus, 2009.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. 9. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2006.

CLEMENTI, Nilba. A voz dos outros e a nossa voz. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M^a N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 9^a Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

GARRIDO, Elsa. Espaço de formação continuada para o professor - coordenador. In: BRUNO, Eliane B. G.; ALMEIDA, Laurinda R. de; CHRISTOV, Luisa H. da Silva (Orgs). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo. Edições Loyola, 2006.

GEGLIO, Paulo César. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 3^a ed. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

GUERREIRO, Carmem. Profissão: articulador escolar. **Revista Educação**. Cidade. Ano 14 – nº 167, p. 24-33, Ed. Segmento, mar/2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP. Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34,1999.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. São Paulo, PUC. Dissertação de mestrado, 2000.

PEIXOTO, Joana. Tecnologia na educação: uma questão de transformação ou de formação? In: GARCIA, Dirce Maria Falcone (Org). **Formação e profissão docente em tempos digitais**. SP: Alínea, 2009, p. 217-235.

PERRENOUD, P. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PILETTI, N. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 1998.

PLACCO, Vera M. N. de S., ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2003.

PLACCO, Vera M. N. S., SILVA, Sylvia H. S. A formação do professor: reflexões, desafios e perspectivas. In: BRUNO, E.; ALMEIDA, L., CHRISTOV, L. (orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo, Loyola, 2000.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. RJ: Vozes, 2008.

SARMENTO, Maristela L. M. O coordenador pedagógico e o desafio das novas tecnologias. In: BRUNO, Eliane B. G.; ALMEIDA, Laurinda R. de; CHRISTOV, L. H. da Silva. **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 63-69.

SILVA. Marco. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro Quartet, 4^a Ed. 2006.

SILVA JUNIOR, Celestino A. da; RANGEL, Mary (Orgs.). **Nove olhares sobre a supervisão**. Campinas: SP, Papyrus, 2008.

VASCONCELLOS, C. dos S. **O trabalho do coordenador pedagógico**. São Paulo. Edições Loyola, 2006.

VIEIRA, Marili. **Mudança e sentimento**: o coordenador pedagógico e os sentimentos dos professores. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), PUCSP, 2002.